

QUEM TEM MEDO DO ABANDONO EMOCIONAL?

Uma análise da construção narrativa do horror infanto-juvenil em “Coraline”¹

Jahnavi Devi Farias DIAS²

Ariane Diniz HOLZBACH³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este artigo visa analisar a construção narrativa do horror na obra audiovisual e literária “Coraline” escrita por Neil Gaiman (2020) e adaptada para o cinema por Henry Selick (2009), a partir das interações da personagem principal, Coraline, com seus pais verdadeiros e sua Outra Mãe. Argumentamos que o horror da obra é construído a partir da exploração das inseguranças do universo infantil, girando em torno da interação conturbada entre a criança e seus adultos cuidadores, na qual a personagem principal vive entre o abandono emocional (MILLER, 1994) e o narcisismo (ROCHA, 2021). Teceremos um diálogo entre Comunicação, Audiovisual e Psicologia Infantil para compreender a formação da experiência midiática de horror para crianças, assim como a profundidade do horror retratada na trama quando em paralelo com a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Abandono Emocional; Horror infanto-juvenil; Coraline; Audiovisual.

INTRODUÇÃO

Qual o maior medo de uma criança? Algumas podem ter medo do escuro, outras de bichos peçonhentos ou palhaços. Todos esses medos se tornam facilmente identificáveis quando percebemos que sua origem é o medo do desconhecido, do estranho, do Outro. O horror tem a tendência de se apropriar do medo do desconhecido, seja esse estranhamento causado por lugares exóticos, pela figura do estrangeiro ou pela “(...) consciência humana [que] se depara com sua posição insignificante em um vasto cosmos” (REYES, 2016, p. 12). Porém, há medos ou situações amedrontadoras que permeiam a

¹ Trabalho apresentado no **IJ04 – Comunicação Audiovisual**, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bolsista PIBIC do Curso de Estudos de Mídia-UFF, e-mail: jahnavidevi@id.uff.br.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Estudos de Mídia da UFF, e-mail: arianeh@id.uff.br

infância que vão além dos instintos básicos de proteção que nos fazem repelir algo. Há situações horripilantes que ocorrem à luz do dia que até os adultos demoram uma vida inteira tanto para identificá-las, quanto para recuperar-se delas. É sobre a utilização desse medo na construção narrativa da obra de horror infantil “Coraline”, na versão audiovisual e literária, que iremos explorar neste artigo.

“Coraline e o Mundo Secreto” (Henry Selick, 2009) é uma animação infantil de horror e aventura baseada no livro de Neil Gaiman. O filme conta a história de Coraline Jones, uma menina de 11 anos, muito curiosa e aventureira que sempre procura estar engajada em alguma atividade. Ela acaba de se mudar com seus pais para um apartamento em uma casa velha chamada Palácio Rosa (*Pink Palace*, no original), na qual convive com vizinhos peculiares. Seus pais estão sempre ocupados trabalhando de *home office* e não conseguem conciliar a vida doméstica com a profissional, fazendo com que Coraline passe a maior parte do seu tempo se entretendo sozinha sob a orientação de não perturbá-los. Em meio as suas investigações dentro da casa, ela descobre uma porta secreta que a leva a um mundo paralelo, idêntico ao mundo em que vive, sendo que tudo lá parece mais bonito e divertido. Porém, esse mundo esconde um lado sombrio e perigoso, e Coraline precisa enfrentar a terrível e manipuladora Outra Mãe que fará de tudo para conquistá-la e mantê-la neste mundo para sempre. Coraline terá que usar sua inteligência, coragem e a ajuda de seu amigo gato falante para escapar e salvar sua verdadeira família.

Essa é uma história de horror infanto-juvenil cujo temor é explorado, em seu âmago, a partir de situações que retratam um contexto familiar conturbado. De um lado, Coraline é negligenciada por seus pais verdadeiros e tudo o que ela deseja é poder brincar livremente, comer comidas caseiras saborosas e ter tempo de qualidade com seus adultos cuidadores. Do outro lado, ela recebe de sua “outra mãe” tudo o que lhe falta na sua vida real: uma casa bonita, refeições apetitosas, pais presentes e cuidadosos. Mas essa aparente perfeição proporcionada pela outra mãe vem com um preço: a alma de Coraline.

A partir desta prerrogativa, o artigo visa analisar a construção do horror na obra audiovisual e literária “Coraline” – escrita por Neil Gaiman (2020) e adaptada para o cinema por Henry Selick (2009) – tecendo um diálogo entre a Comunicação e o Audiovisual com a Psicologia Infantil, a partir das interações narrativas da personagem principal com os adultos da história, tendo como foco principal os seus pais verdadeiros e a Outra Mãe. Pela obra proporcionar uma experiência midiática de horror para crianças,

e para fins de análise, utilizaremos paralelos teóricos da área da Psicologia Infantil (MILLER, 1994; EIGENMANN, 2022) com o intuito de compreender a profundidade do terror retratada na trama quando em paralelo com a realidade. Um horror midiático construído a partir da forma cruel que muitas famílias tratam suas crianças.

O HORROR INFANTO-JUVENIL

A categorização de um gênero audiovisual é um tema amplamente discutido e que não apresenta uma definição única, muito menos universal. Essa inconclusão ocorre, pois uma obra audiovisual pode apresentar inúmeros gêneros dentro de sua trama (MITTELL, 2004), que fazem parte da tessitura de emoções que um roteiro dinâmico causa no seu espectador (BELL, 2014), podendo atravessá-lo pelo drama, comédia, romance e até horror, dentro de uma única narrativa. Mittell (2004, pg.12) afirma que o gênero televisivo é “um processo de categorização que não é encontrado nos textos da mídia, mas opera através dos domínios culturais de indústrias de mídia, audiências, políticas, críticos e contextos históricos.”. Tendo isso em vista, apesar de não haver o que poderia ser classificado como “gênero audiovisual puro”, por meio de uma análise semiótica, que engloba uma série de recursos das etapas cinematográficas – roteiro, direção de atores, arte, fotografia, sonoplastia, pós-produção, etc. –, há um conjunto de símbolos propositais capazes de enquadrar a obra em um gênero, não só por exclusão e mas também por predominância estilística e mensagem.

Ao categorizarmos a obra “Coraline” dentro do gênero horror para o público infanto-juvenil, recaímos sobre o contexto dado por Mittell, em que a definição de gênero passa, especialmente, por uma percepção cultural industrial e contextual histórica. Portanto, leva-se em consideração a bibliografia e filmografia de seus autores, assim como classificação indicativa nos veículos de distribuição que apontam a obra como “conteúdo para família” e não recomendada para menores de dez anos⁴. Outro ponto levado em conta é sobre um dos desdobramentos que enquadram uma obra no gênero do horror, que é a conexão com o fantástico, a incitação do medo – sendo este construído socialmente – (SILVA, 2023), e principalmente os medos que permeiam o universo

⁴ “Coraline e o Mundo Secreto - Ficha técnica completa”. Disponível em: <https://filmow.com/coraline-e-o-mundosecreto-t1287/ficha-tecnica/> Acessado em: 24 de Junho de 2024.

infantil presentes na construção narrativa da obra, que podem ser observados e compreendidos a partir do olhar da psicologia infantil.

O criador de “Coraline”, Neil Gaiman, é um autor britânico nascido em 1960, conhecido por sua versatilidade em diversos gêneros, transitando especialmente entre a fantasia e o horror. Seus trabalhos principais são “Sandman”, 1989-1996; “Belas Maldições” 1990; “Deuses Americanos” 2001; “Coraline”, 2002; “O Oceano no Fim do Caminho”, 2013; entre outros. Dentre suas obras mais famosas que foram adaptadas para o universo cinematográfico, está “Coraline”, dirigida por Henry Selick em 2009. Gaiman também explicita na introdução do livro “Coraline” que escreveu essa história para contar para suas filhas enquanto elas ainda eram crianças (GAIMAN, 2020, pg . 10)

Henry Selick, por sua vez, é um cineasta norte americano nascido em 1952, conhecido por produzir filmes em stop-motion que, assim como Gaiman, também transitam entre a fantasia e o horror. Suas principais obras são “O Estranho Mundo de Jack”, 1993; “James e o Pêssego Gigante”, 1996; e “Coraline e o Mundo Secreto”, 2009.

Levando em conta este conjunto de elementos, desde o histórico dos criadores até o produto final, entendemos que “Coraline”, tanto em sua versão literária quanto em sua versão audiovisual, é, predominantemente, uma obra de horror direcionada para o público infanto-juvenil.

O HORROR NA VIDA REAL

Na tecitura de um diálogo entre Comunicação e Audiovisual com a Psicologia Infantil, é necessário, antes de entender que situações representam a forma mais profunda do medo no universo infantil observada na obra “Coraline”, desvendar uma das necessidades primordiais de uma criança em processo de formação. Alice Miller, explica que “É necessidade primordial da criança ser considerada e levada a sério em todos os seus aspectos, desde o nascimento. [...] ‘Em todos os seus aspectos’ engloba: os sentimentos, as sensações e suas manifestações, desde recém-nascida.” (MILLER, 1994, pg. 19). Entre as necessidades cruciais na vida de uma criança estão: validação, atenção e cuidado. É a partir dessas atitudes do adulto cuidador em relação à criança que ela consegue sentir-se num ambiente seguro, afetuoso e manifestar livremente sua personalidade em desenvolvimento.

Em contrapartida, quando essas atitudes que geram um estado de segurança emocional na vida da criança não são tomadas, ou seja, ela não se sente vista e “levada a sério”, aflora-se o sentimento de abandono emocional. “A criança percebe claramente a situação e muito cedo desiste de expressar suas próprias angústias.” (MILLER, 1994, pg. 22-23).

O abandono emocional, especialmente aquele em que não há a perda da presença física do adulto cuidador⁵, é extremamente doloroso para a criança. Como consequência desse cenário, inconscientemente, a criança desiste de colocar para fora suas angústias por saber que não será ouvida, acarretando numa vida adulta repleta de lacunas emocionais que precisarão ser tratadas.

Por outro lado, o que acontece quando ao invés do abandono há a presença constante do adulto cuidador, que profere à criança muitos elogios, executa atos de serviço, dá carinho e promove brincadeiras à vontade? Aparentemente este seria o cenário ideal, visto que todas as necessidades primordiais infantis, nesse contexto, estão sendo atendidas. Porém, este adulto espera que a criança retribua suas atitudes de cuidado na mesma proporção. Ela deve ter gratidão e obedecê-lo inquestionavelmente, aceitando de bom grado tudo o que o adulto deseja oferecê-la no momento em que ele determinar. Parece uma troca de afeto justa, mas que, na verdade, esconde uma natureza narcísica deste adulto. E é em meio a esses dois cenários, aparentemente distintos, que a personagem, Coraline, vive: entre o abandono emocional e o narcisismo parental.

Socialmente o gênero do horror/terror, especialmente o de “Coraline” que é voltado para o público infantil, sofre grande preconceito pelo fato da sociedade, especialmente os que julgam sob um viés religioso (DELUMEAU, 2009) considerarem que este gênero narrativo incita o mal nas pessoas e que o medo é um sentimento negativo que não precisa ser sentido, especialmente pelas crianças. É evidente que as crianças devem ser poupadas da exposição a situações que gerarão algum tipo de estresse traumático em suas vidas, e que histórias de horror nem sempre agradam a todos. Isso é uma questão de gosto. Porém, partir do princípio de que um gênero fictício não é sadio e que certos sentimentos não deveriam ser experienciados, é uma análise rasa e enviesada sobre esta temática (SILVA, 2023).

⁵ Adulto cuidador: termo que Maya Eigenmann (2022) utiliza para referir-se aos adultos que são responsáveis pelos cuidados de uma criança, entendendo que não são apenas o pai ou a mãe biológicos da criança que podem exercer esta função.

O gênero do horror não se resume apenas a narrativas que assustarão, ou amedrontarão seus espectadores. Ele explora, de forma metafórica ou explícita, assim como artística e sinestésica, as inquietudes da vida real, as contradições, injustiças, e também suas curas e sua beleza⁶. Tudo embalado em uma narrativa que visa alertar, expor, ou apenas fazer seu público-alvo sentir. O sentimento envolve, une e dá sentido à existência humana. E é a contação de histórias, sejam elas audiovisuais, literárias ou orais, que se perpetua e criam-se culturas que têm suas morais passadas de geração em geração na humanidade (FLAVIANO et al., 2017; TORRES e LIBERATO, 2008;). Essa é a relevância do gênero de horror na sociedade.

Portanto, a premissa de que as obras de horror são algo negativo ou até mesmo desnecessário, especialmente para o público infantil, por escancararem fatos obscuros da sociedade sob a alegação de incitar o mal nas pessoas, não é verídico. A humanidade sofrerá com infortúnios independentemente da existência de estórias que falem sobre isso. Porém, sem narrativas da ficção que nos façam “questionar sobre o horror que nos cerca e a criticar, explicitamente, uma desumanidade contida no contexto social” (DA SILVA, 2023, pg. 39), é mais difícil, especialmente para as crianças, se munirem contra esses infortúnios da vida.

O PAPEL DO ABANDONO EMOCIONAL EM “CORALINE”

O conflito inicial na obra “Coraline” é a sua relação com seus adultos cuidadores, mas especificamente a lacuna emocional existente nessa relação. É normal que uma família que acabou de se mudar para uma nova cidade esteja em meio a inúmeras demandas do dia a dia, tais como conciliar o trabalho profissional, doméstico, o entretenimento e educação de uma criança entrando pré-adolescência, assim como o relacionamento conjugal. Isso torna compreensível o fato dos pais de Coraline estarem cansados do trabalho *home office*, porém, parece que eles nunca deixam de trabalhar ou pensar em trabalho. É comum para Coraline se alimentar sozinha de mini pizzas congeladas ou macarrão instantâneo por saber que ninguém irá cozinhar algo saudável e apetitoso para ela, e não é compreensível que tais necessidades sejam negligenciadas. O

⁶ Algo bastante semelhante ao pensamento do autor Stephen King que destaca que o gênero consegue atingir “pontos de pressão fóbica em nível nacional (...) quase sempre parecem expressar e jogar com temores que afligem um amplo espectro de pessoas” (KING, 2013, p. 20).

que a trama deixa a entender é que não é uma novidade esse tipo de negligência na vida da personagem principal. A interação familiar apresentada entre Coraline e seus pais é funcionalista, na qual eles cumprem o básico para a sobrevivência e conforto de sua filha, como prover alimento, casa, escola, uniforme, e, volta e meia, dar atenção para algo que ela desenhou ou escreveu, mas o que não é incluído nessa lista é a conexão emocional. Coraline pode ser provida de muitas coisas, porém não é vista, ou considerada como um indivíduo (MILLER, 1997).

Desde o início da trama, tanto do livro quanto do filme, é comum encontrarmos diálogos entre Coraline e seus pais que giram em torno dela querer explorar o ambiente, brincar, chamar atenção deles, e eles a repreenderem de alguma forma, estabelecendo uma relação na qual ela sempre é um incômodo no cotidiano deles; além de, às vezes, interagirem com a menina sem ao menos olhar para seu rosto.

- O que faço agora? – perguntou a menina.
- Leia um livro – sugeriu a mãe. – Veja um filme. Brinque com os seus brinquedos. Vá importunar a srta. Forcible, ou o velho doido do andar de cima. [...]
- Não me importa o que você vai fazer – respondeu a mãe de Coraline –, desde que não faça bagunça. [...]
- Então explore o apartamento – sugeriu o pai. – Olha, aqui tem um pedaço de papel e uma caneta. Conte todas as portas e janelas. Faça uma lista de tudo que é da cor azul. Organize uma expedição para descobrir onde fica o aquecedor. E me deixe trabalhar sossegado (GAIMAN, 2020, pg. 22-23).

Nessas interações iniciais da trama, que ocorrem de forma igual tanto no livro quanto no filme, entendemos que Coraline passa muitas horas sozinha e tendo que se entreter a pedido dos pais. Por estar de férias da escola, longe de seus amigos e entediada, ela não consegue compreender que seus pais estarem trabalhando em casa, de *home office*, não significa que eles estejam disponíveis para atendê-la a qualquer momento.

Talvez por se tratar de uma obra escrita num período em que o *home office* era uma prática de trabalho não usual – no início dos anos 2000–, os pais da ficção, assim como o autor, não soubessem como conciliar de forma saudável e respeitosa as tarefas profissionais e as tarefas do lar, propiciando, também, um tempo específico para interagir com sua filha, Coraline. Mas, por ser de uma história de horror, entendemos que essa situação pode ter sido escolhida de forma proposital, a fim de construir, narrativamente, a falta de cuidado e de diálogo dos pais em relação às necessidades de sua filha, e como

essa situação causa uma grande lacuna emocional na criança. Tal situação deixa na criança um sentimento terrível, fazendo-a sentir-se como um grande estorvo na vida de seus adultos cuidadores (EIGENMANN, 2022; MILLER 1994). A primeira camada do horror construída na estória de “Coraline” se dá por meio explicitação narrativa do medo primordial da criança, apontado pela psicologia infantil, que é não ter suas necessidades básicas atendidas, a negligência parental.

Além do ponto central, o abandono emocional causado pelos pais de Coraline, há uma subcamada em sua trajetória que é o fato dela ser uma criança entrando na pré-adolescência. Essa fase de transição é bastante delicada por ela viver um conflito entre ainda possuir desejos e necessidades infantis ao mesmo tempo que lhe é cobrado uma caminhada independente e madura, já que ela não precisa mais de cuidados tão aprofundados quanto uma criança em sua primeira ou segunda infância. Essa subtrama faz com que a história da personagem principal também seja sobre a superação dos seus desejos infantis. Ela quer brincar livremente, mas esperam que ela o faça sozinha. Ela quer receber o cuidado, mas precisa aprender a se “maternar” e parar de exigir a atenção dos adultos.

Essa indefinição sentida pela própria protagonista sobre a maneira como é tratada pelos adultos que a cercam e os limites de sua independência corrobora com a conceituação contemporânea dos *tweens*⁷.

Dentre as compreensões possíveis, a partir da investigação da emergência dos *tweens*, está a de que suas identidades são produzidas a partir da diferença – esses meninos e essas meninas ainda não são jovens, mas já não são crianças. E é do empenho dessa diferenciação que nascem as sugestões de comportamento e da conduta que gestam a possibilidade de novas subjetividades (TOMAZ, 2019, p. 21).

Essa transição da infância realizada pelos *tweens* e entrada na pré-adolescência pode acarretar nos indivíduos um sentimento de isolamento. Em sua pesquisa, Ostetto, Albuquerque e Silva (2015) refletem sobre esse sentimento de desamparo, que é descrito como “Um dos afetos universais presentes desde a primeira infância” (OSTETTO et. al, 2015, pg. 38). O bebê chora para ter suas necessidades atendidas, mas nem sempre elas

⁷ "O termo *tween* vem da preposição de língua inglesa *between*, que indica a posição entre duas extremidades, além de ter uma sonoridade próxima da palavra *teen* (de *teenager*, adolescente em inglês)" (TOMAZ, 2019, p.19-20).

são resolvidas de imediato, e nesse período de espera é que ele aprende a conviver com a falta. Este sentimento quando repetido inúmeras vezes tanto na infância quanto em outras fases da vida pode desencadear na sensação de desamparo. Em contrapartida, é argumentado sobre a importância dos pais respeitarem o momento da criança ficar sozinha em seu quarto brincando, pois é a partir dessas experimentações feitas de forma individual que ela torna-se capaz de desenvolver sua personalidade, mas que sempre “haja alguém disponível, alguém presente, para que a criança se sinta segura e descubra sua vida pessoal própria.” (OSTETTO, et. al, 2015, pg. 35). E esta seria a diferença entre a criança estar sozinha e estar solitária: a sensação de segurança.

Portanto, o erro que os pais de Coraline cometem, que corrobora com a construção do medo na obra, está relacionado à insegurança causada na personagem, quando ela é jogada numa trajetória de amadurecimento forçado na qual ela não tem a quem recorrer quando se sente desamparada. “Coraline” é uma história sobre coragem, como afirma o autor, porém também revela a dor de uma criança que é obrigada a transicionar da infância para a adolescência de forma solitária, construindo sua identidade sem sentir-se segura, por estar num lar com adultos ausentes, tornando esta a principal diferença entre um cenário respeitoso e o cenário do filme/livro.

Outro fator que reforça a premissa de Coraline viver um constante abandono emocional é que, no decorrer da trama, ela interage com vários adultos, mas em todas essas interações eles parecem travar longos monólogos e a presença da menina serve apenas para que eles exponham suas vidas, sem demonstrar um interesse recíproco. Suas vizinhas estranhas, as senhoritas Spink e Forcible, são duas idosas que vivem do seu passado glorioso como belas atrizes e expõem informações que não fazem sentido para Coraline. Seu excêntrico vizinho fala apenas sobre seus ratos de estimação, os quais ele treina para montar um espetáculo circense, além de colecionar queijos malcheirosos. Todos esses adultos não conseguem ao menos pronunciar corretamente o nome de Coraline, chamando-a de “Caroline”, mesmo que ela repita diversas vezes que a pronúncia está incorreta. Exausta dessas interações sem sentido, o autor revela no livro os pensamentos da menina: “Coraline tentou entender por que os adultos quase nunca falavam algo que fizesse sentido. Às vezes ela se perguntava com quem eles achavam que estavam conversando.” (GAIMAN, 2020, pg. 39). Após esse pensamento o leitor compreende que a menina está imersa num mundo que não busca tornar-se acessível para ela.

A situação solitária da “vida real” de Coraline prepara a trama para que ela se torne vulnerável o suficiente para receber, mesmo que com estranhamento, o amor narcísico da Outra Mãe. Por conta de seu despreparo emocional, ela quase deixou-se convencer de que aquela relação era genuína, principalmente pois os cuidados da Outra Mãe a lembravam de uma fase em sua vida na qual ela era cuidada com afeto.

[...] Ela pegou Coraline, assim como fazia sua mãe verdadeira quando a menina era menor, embalando a criança sonolenta como se fosse um bebê. [...] Coraline teve dificuldade de acordar, por um momento se deixando ser embalada e amada. Queria mais daquilo, mas logo se deu conta de onde e com quem estava (GAIMAN, 2020, pg. 133).

O momento em que fica explícito que esse cenário de abandono não iria mudar na vida de Coraline é quando, quase ao final da obra, após seus verdadeiros pais terem sido raptados pela Outra Mãe, eles retornam para casa, graças a sua filha, e como se tivessem ficado sob o efeito de um feitiço, não recordam o que ocorreu e agem como se nada tivesse acontecido. Coraline passa por uma longa aventura aterrorizante tentando salvar seus pais e, ao mesmo tempo, tentando se convencer de que salvá-los era a melhor opção. Ela quase é capturada pela sua Outra Mãe, o que a faria perder sua alma, e ao voltar para o mundo real, tudo fica exatamente como era antes. Essa situação revela o ciclo vicioso e cruel no qual a menina está fadada a entender que ela não será levada a sério enquanto ela estiver apegada a suas necessidades infantis, mesmo que ela tenha se sacrificado para que isso acontecesse.

O NARCISISMO DA OUTRA MÃE

A antagonista da trama é a Outra Mãe, personagem em que o horror se dá de forma mais evidente para o espectador por ativar o medo do desconhecido. Ela estabelece com Coraline uma relação perturbadora e confusa, que ao ser analisada pelo viés da Psicologia, pode-se entender como uma relação narcísica. Taryana Rocha (2021) aponta que o princípio organizador ou motivação principal de um indivíduo com transtorno de personalidade narcisista é “qualquer coisa que permite que o narcisista se sinta o centro das atenções, superior ou sempre ‘certo’ (ROCHA, 2021, pg. 7)”, afirmando ainda que todas suas atitudes são motivadas por essa busca, sem se importar com os indivíduos que irão lhe fornecer esse suprimento.

Dentro da interação narcísica, o que lhes concede o suprimento de tais necessidades de validação e superioridade em relação a pessoa na qual eles interagem são provocar: o medo; a culpa; a dó e compaixão perante as reclamações da pessoa narcisista; os monólogos intermináveis; causar ciúmes; causar drama e difamar a pessoa na frente dos outros; explorar os outros para alcançar seus objetivos; etc. (ROCHA, 2021).

A necessidade de pontuar os aspectos principais que englobam o transtorno de personalidade narcisista (TPN) está em relacionar essas características que formam uma pessoa extremamente tóxica e danosa em seus relacionamentos, especialmente quando esta ocupa o papel de adulto cuidador, com a construção da personagem da Outra Mãe na história de “Coraline”. A segunda camada de horror, que por provocar no espectador/leitor o sentimento de repulsa e estranheza, o medo do Outro, em “Coraline”, é a relação narcisista que existe entre a Outra Mãe e a protagonista. A Outra Mãe, ou Bela Dama, é um ser de outro mundo que cria uma realidade feita sob medida para seduzir e preencher as lacunas emocionais da vida da criança que ela deseja capturar. Ou seja, se na vida real a criança não tem atenção dos pais, no mundo criado pela Bela Dama ela será contemplada com brincadeiras e cuidados a todo momento.

Esta figura da mulher narcisista e com traços de psicopatia é muito comum no universo dos contos clássicos infantis (HOLZBACH; DIAS, 2023). Tais personagens são retratadas de forma vilanesca sob um viés proselitista, que tem como intuito ensinar desde a infância que características, tanto comportamentais quanto físicas, são adequadas ou não para uma mulher exercer (D’SILVA, 2022; ESTÉS, 2005). Neste contexto, o horror construído a partir da figura da Outra Mãe também é oriundo de um estereótipo clássico criado a partir da deturpação das características consideradas como femininas, tais como: docilidade, obediência, confiabilidade e pureza. A Bela Dama tenta se apresentar como uma mãe ideal para Coraline, a figura materna que nem sua verdadeira mãe consegue ser, mas sua natureza maléfica é revelada quando ela deixa sua real personalidade escapar. Por isso, entendemos que grande parte do impacto deste modelo de horror apresentado na antagonista de “Coraline” também advém dos estereótipos cristalizados em torno da mulher representada nos contos clássicos infantis.

A crueldade deste outro mundo, aparentemente idêntico ao verdadeiro em que Coraline habita, se dá tanto pela Bela Dama tomar a forma do adulto cuidador da criança, quanto pela condição exigida para que a criança permaneça lá. Esta condição é revelada despretensiosamente numa conversa entre Coraline, sua Outra Mãe e seu Outro Pai, que

acontece tanto no livro quanto no filme: – Se quiser ficar – continuou seu outro pai – vamos precisar fazer uma coisinha para garantir sua estadia para todo o sempre.

[...] Sobre a mesa, havia um carretel de algodão em um prato de porcelana, uma agulha comprida de prata e, logo ao lado, dois grandes botões pretos.

[...] – É só um detalhezinho.

– Não vai doer – garantiu o outro pai.

Coraline sabia que toda vez que os adultos diziam que alguma coisa não ia doer, quase sempre doía. (GAIMAN, 2020, pg. 73)

Neste diálogo observamos a barganha entre os outros pais e Coraline, na qual falam sobre a condição para ela ficar permanentemente no outro mundo como sendo um detalhe insignificante. Porém, o que eles esconderam de Coraline foi que aqueles botões pretos seriam costurados em seus olhos e, além de levarem sua visão, também tornariam sua alma prisioneira da Outra Mãe, assim como ela fez anteriormente com outras crianças.

Apesar de imatura, Coraline tem uma personalidade forte e questionadora, e foram estas características que a fizeram não ser completamente seduzida pelas promessas da Outra Mãe. Coraline, diferentemente das crianças que foram capturadas anteriormente, desafia a Bela Dama, deixando-a enfurecida gradativamente. Isso tem início após a menina voltar para o outro mundo em busca de seus pais que foram capturados. Neste momento ela já compreende que a mulher que parece sua mãe não tem boas intenções e que ela precisará enfrentá-la para sobreviver. Mas, ao desafiá-la e expor sua insatisfação com a situação em que foi colocada, a Outra Mãe a manipula para que ela se sinta culpada por querer fugir, utilizando do *gaslighting*, uma forma de abuso psicológico que faz a vítima questionar sobre sua sanidade, amenizando o abuso ocorrido (ROCHA, 2021, pg. 68-69) para manter a menina aprisionada.

– Você não é minha mãe. [...]

– Bem, acho que você está muito agitada, Coraline. Talvez seja bom fazermos um pouco de bordado juntas à tarde, ou pintura em aquarela. Depois podemos jantar e, se você se comportar, pode brincar um pouco com os ratos antes de dormir. Então leio uma história, cubro você e lhe dou um beijo de boa-noite. – Não. – disse a menina. [...]

– Aqui está – disse ela. – É para você, Coraline. Para o seu bem. Porque amo você. Quero que tenha modos. Afinal, bons modos fazem o homem.

Ela empurrou Coraline para o corredor e avançou na direção do espelho [...]

– Você só vai poder sair quando aprender boas maneiras. [...] E quando estiver pronta para ser uma filha amável. [...]
Ela fechou a porta do espelho, deixando Coraline no breu. (GAIMAN, 2020, pg 112-114)

A crueldade narcísica da Outra Mãe se torna tão profunda, que percebemos que, por ser uma predadora nata, ela poderia facilmente capturar Coraline e se alimentar de sua alma, mas ao invés disso, ela decide criar um mundo para conquistar o amor da menina, e fazê-la decidir de bom grado ficar com ela, largando sua vida com seus pais verdadeiros. Esse senso predatório que joga e manipula por meio da culpa a sua vítima é o que traz satisfação e a sensação de superioridade para a Outra Mãe, e esse comportamento se enquadra perfeitamente dentro dos princípios organizadores do narcisismo.

Há um momento no início da fase final da trama, quando Coraline está em busca de seus pais no outro mundo, em que a menina se questiona sobre o porquê dessa obsessão da outra mãe em relação a ela, tendo a seguinte resposta:

– Por que ela me quer aqui? – quis saber Coraline. — Por que ela me quer presa aqui com ela?
– Acho que ela quer algo para amar – opinou o gato. – Algo que não seja ela mesma. Talvez também queira algo para comer. Com uma criatura daquelas nunca dá pra saber ao certo. (GAIMAN, 2020, pg. 96)

Portanto, o horror criado em torno da Outra Mãe está na manipulação que ela exerce em suas interações com Coraline. Ela quer ser reconhecida como mãe verdadeira, quer ter o amor genuíno de Coraline, porém, sua motivação é completamente narcísica. “Quanto mais grave seu transtorno, mais obcecado ele é por essa busca, sem qualquer interesse nas pessoas reais que estão oferecendo o suprimento. Elas são apenas fornecedoras e não têm qualquer outra utilidade.” (ROCHA, 2021, pg. 7). A Bela Dama é apenas uma predadora que desenvolveu técnicas maldosas e sofisticadas para conseguir dominar sua presa, Coraline.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo enfatizamos a importância das obras do gênero de horror voltada para o público infanto-juvenil. Uma visão preconceituosa, muitas vezes imbuída de viés moral e religioso, limita o poder que este gênero é capaz de proporcionar na vida das pessoas,

especialmente na das crianças, visto que ao se depararem com a maldade na ficção, estas podem munir-se contra as maldades da vida real.

Por meio de uma análise entre três eixos: Comunicação, Audiovisual e Psicologia Infantil, entendemos como as camadas do horror em “Coraline” são construídas a partir de situações que vão contra um modelo de interação saudável e respeitosa entre a criança e seu adulto cuidador. Ao invés de amor incondicional e cuidado de seus pais, Coraline recebe abandono, manipulação e narcisismo.

Nesta estória, Coraline é traída e usada. A personagem é levada a concluir que é melhor viver solitária e desamparada, mesmo com a presença de seus adultos cuidadores em casa, do que receber a atenção e cuidados de sua Outra Mãe, narcisista, que deseja apossar-se de sua alma. E o final dessa história de horror revela ao espectador/leitor que Coraline perdeu em ambos os lados, restando a ela apenas se conformar e superar seus desejos e necessidades infantis, já que ninguém irá atendê-los. Tal vivência é injusta e cruel para uma criança, tornando esta narrativa, tanto literária quanto audiovisual, uma excelente obra de horror infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

BELL, James Scott. *How to Write Dazzling Dialogue: The Fastest Way to Improve Any Manuscript*. Compendium Press, 2014.

CORALINE e o Mundo Secreto. Direção: Henry Selick. Produção: Laika. Estados Unidos: Focus Features, 2009. 1 DVD (100 min), son., color. Legendado. (Ficção).

D'SILVA, Isadora Mota Rodrigues. A REPRESENTAÇÃO DA VILANIA FEMININA NA DISNEY. *Rascunho*, v. 13, n. 21, 2022.

DA SILVA, Maria Luiza Correa. A narrativa feminina na animação de horror: um estudo de caso sobre “Chá de sangue e fio vermelho” (2006). *Diálogo com a Economia Criativa*, v. 8, n. 24, p. 38-49, 2023.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Editora Companhia das Letras, 2009.

HOLZBACH, A.; DIAS, J. D. Madrastras diabólicas nas animações infantis: uma representação problemática. *Culturas Midiáticas*, [S. l.], v. 20, p. 138–155, 2023.

- EIGENMANN, Maya. *A raiva não educa: A calma educa*. Bauru, SP: Astral Cultural, 2022.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos irmãos Grimm*. Rocco, 2005.
- FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes et al. A influência da contação de histórias na educação infantil. *Revista Mediação* (ISSN 1980-556X), v. 12, n. 1, p. 30-48, 2017.
- GAIMAN, Neil. *Coraline*. Traduzido por Bruna Beber (2020). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- KING, Stephen. *Dança Macabra*. Suma, 2013.
- MILLER, Alice. *O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos*. Grupo Editorial Summus, 1997.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda, ALBUQUERQUE, Maria Clara Cavalcanti, PARREIRAS, Nínia, DA SILVA, Rachel Polycarpo. *Quer que eu leia com você? Refletindo sobre as práticas e os espaços de leitura para a educação infantil*. Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense, 2015.
- REYES, Xavier Aldana. Introduction: What, why and when is horror fiction. *Horror: A Literary History*, p. 7- 18, 2016.
- ROCHA, Taryana. *Família Narcisista: Entenda o impacto e cure-se*. Brasil. 2021. E-book (92p.). Disponível em: taryanarocha.com.br/wp-content/uploads/2021/08/Familia-Narcista-Entenda-oImpacto-e-Cure-se.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.
- SILVA, Pedro Henrique Alves Silva. "Atenção, cuidado! Vocês vão se assustar": o terror infantojuvenil na franquia Goosebumps. 2023. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- TOMAZ, Renata. *Da negação da infância à invenção dos tweens: imperativos de autonomia na sociedade contemporânea*. Curitiba: Appris Editora, 2019.
- TORRES, S. M.; LIBERATO TETTAMANZY, A. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. *Nau Literária*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2008.